

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

LITERACY PROCESS FOR CHILDREN WITH DOWN SYNDROME

Fabíola Silva de Oliveira
Cláudia Pinheiro Nascimento

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar como acontece o processo de alfabetização da criança com síndrome de Down, que apesar de apresentarem um desenvolvimento intelectual lento, é possível desenvolver suas habilidades promovendo a sua inclusão social. A leitura e escrita demonstram-se como fatores essenciais no processo de integração à sociedade, promovendo o desenvolvimento humano, intelectual e até financeiro dos portadores de síndrome de Down. Este trabalho demonstra que o processo de alfabetização a ser aplicado às crianças com síndrome de Down deve respeitar as limitações, características e o desenvolvimento individual de cada criança. Demonstrando que se deve realizar a adaptação curricular e aplicar o ensino transdisciplinar, estimulando a criança com a aplicação de atividades lúdicas, multissensoriais, com materiais diversos, atividades recreativas em consonância com o dia-a-dia da criança, despertando, assim, sua curiosidade e interesse. Para o desenvolvimento desse processo de alfabetização, é necessário o envolvimento de uma equipe multidisciplinar comprometida, envolvendo professores, psicólogos, orientadores e, principalmente, a participação familiar da criança com síndrome de Down durante esse processo, promovendo estratégias para que o ensino aconteça com êxito, despertando o interesse da criança deixando-a agir com autonomia e sempre respeitando o seu tempo e ritmo de aprendizagem. Ressaltando que, quanto mais cedo iniciar a alfabetização, mais fácil será o processo de aprendizagem, colaborando com a construção da autonomia das crianças com síndrome de Down, tornando-as como seres capazes de viver em sociedade, inclusive no âmbito profissional, sendo inseridas no mercado de trabalho. Diante dessa pesquisa bibliográfica, concluímos que os portadores de síndrome de Down, assim como qualquer outro estudante, têm capacidade de aprender com práticas pedagógicas e métodos educacionais adequados para o processo de alfabetização.

Palavras-Chave: síndrome de Down; alfabetização; multissensorial; ensino multidisciplinar; inclusão escolar.

Abstract

This work aims to demonstrate how the process of literacy of children with Down syndrome, despite their slow intellectual development, it is possible to expand their skills by promoting their social inclusion. The habits of reading and writing are shown to be essential factors in their process of integration into society, promoting the human, intellectual and even financial development of people with Down syndrome. This work demonstrates that the literacy process to be applied to children with Down syndrome must respect the limitations, characteristics and individual development of each child, demonstrating that curricular adaptation and transdisciplinary teaching should be

made, encouraging children with application of playful, multisensory activities, with different materials, recreational activities according to the child's daily life, thus arousing his curiosity and interest. For the development of this process of literacy it is necessary to involve a committed multidisciplinary team, involving teachers, psychologists, advisors and especially the participation of Down syndrome child family during this process, promoting strategies to make the teaching happen successfully and to work with joy, awakening the child's interest, letting him act autonomously and always respecting his time and pace of learning. It should be said that the sooner literacy starts, the easier the learning process will be, collaborating with the construction of the autonomy of children with Down syndrome, making them capable of living in society, including in the professional sphere and into the labor market. In view of this bibliographic research, we conclude that people with Down syndrome, like any other student, have the capacity to learn with pedagogical practices and educational methods suitable for the literacy process.

Keywords: Down syndrome; literacy; multisensory; multidisciplinary teaching; school inclusion.

Introdução

Este artigo é baseado na alfabetização de crianças com Síndrome de Down, apresentada como alteração genética mais comum em seres humanos e sendo a principal causa de deficiência intelectual, merecendo uma atenção especial em nossa sociedade. A escolarização demonstra-se um passo fundamental e inicial no desenvolvimento psicoafetivo e no processo de socialização dos portadores de Síndrome de Down. Os portadores dessa alteração genética possuem características físicas semelhantes entre eles, e apesar de certa dificuldade intelectual e de aprendizado, eles devem ser estimulados desde a infância.

Com a aprendizagem em ritmo mais lento, dificuldade de concentração e de reter memórias de curto prazo, com apoio e investimento na sua formação, os alunos com síndrome de Down, assim como quaisquer outros estudantes, têm capacidade de aprender. Assim, dado as limitações cognitivas que apresentam, há necessidade de identificarmos as principais práticas pedagógicas e métodos educacionais que se demonstram eficazes no processo de alfabetização dos alunos com Síndrome de Down.

Este artigo tem por tema o “processo de alfabetização de crianças com síndrome de Down”, buscando o conhecimento dos principais métodos a serem aplicados na alfabetização das crianças com síndrome de Down. As crianças que possuem essa síndrome apresentam limitações, tendo seu tempo e maneira diferenciada para aprender de uma forma específica, necessitando, portanto, de metodologia adequada para sua alfabetização com êxito.

Segundo Leféve (1989), a alfabetização de crianças com síndrome de Down é primordial para sua vida social, proporcionando o seu desenvolvimento humano, assim como sua integração na sociedade, sendo capaz de melhor independência e proporcionando qualidade de vida até mesmo financeiramente.

No primeiro momento, abordaremos o conceito e características da síndrome de Down e seu desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo. No segundo momento, abordaremos o processo de alfabetização de crianças com síndrome de Down. No terceiro momento, apresentaremos as estratégias desenvolvidas no processo de alfabetização de crianças com síndrome de Down.

As pessoas com síndrome de Down requerem uma atenção e processo de alfabetização adequados que atendam de forma satisfatória, contribuindo para seu crescimento, inserção social e aprendizado. Diante disso, o problema a ser investigado será: Quais os métodos de alfabetização aplicados aos alunos com Síndrome de Down? Sendo assim, este artigo tem como objetivo geral analisar como se dá o processo de alfabetização dos alunos com Síndrome de Down, a partir dos seguintes objetivos específicos: conceituar e caracterizar a Síndrome de Down, bem como o seu desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo; identificar o processo de alfabetização das crianças com Síndrome de Down; e investigar as estratégias utilizadas pelo professor no processo de alfabetização de crianças com Síndrome de Down.

Para a construção do artigo, foi utilizado a pesquisa bibliográfica, que segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54), é “elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em períodos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico e internet”. Quanto ao objetivo, a pesquisa será exploratória, pois de acordo com Gil (2002), essa pesquisa possibilita obter mais conhecimento sobre o problema, tornando mais compreensível e enriquecedor de ideias. Essas pesquisas envolvem levantamento bibliográfico. Com relação ao objeto de pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2002, p. 44), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Por fim, a abordagem da pesquisa qualitativa é caracterizada como recurso de pesquisa aplicada nos pressupostos teóricos que orientam a investigação, obtendo dados coletados para alcançar ideias mais ampla e significativas. (GIL, 2002).

2. Conceito e características da síndrome de Down

Em 1866, o pediatra John Langdon Down realizou a primeira caracterização da síndrome de Down, denominado como “idiota mongólica”, no qual seriam aquelas pessoas com determinadas características e déficit intelectuais, caracterizando-a com o nome de síndrome de Down. Sendo assim, “síndrome” são os sinais e sintomas, já o “Down”, seria o sobrenome do pediatra.

Somente em 1959, Jerome Lejeune descobriu a alteração genética pela presença extra do cromossomo 21, contribuindo para o conhecimento da doença e futuros diagnósticos, segundo as Diretrizes de atenção à pessoa com síndrome de Down. (BRASIL, 2013).

A Síndrome de Down (SD), de acordo com Schwartzman (2003, p. 01), “foi a primeira condição clínica que é acompanhada por variáveis de Deficiência Mental identificada como tendo por causa primária uma anomalia cromossômica”. É uma alteração genética gradativamente comum na população com cerca de um a cada 700/900 nascimentos. (SCHWARTZMAN, 2003).

Para a formação do ser humano, normalmente, necessitamos de 46 cromossomos, sendo que 23 pares vêm dos espermatozoides fornecidos pelo pai e 23 pares integrados no óvulo da mãe, obtendo 23 pares de cromossomos em cada célula. Portanto, a síndrome de Down é uma alteração genética que transcorre durante ou após de conceber o feto, sendo causada pela presença do cromossomo 21 duplicado, ou seja, o óvulo feminino ou o espermatozoide possuem 24 cromossomos ao invés de 23, formando 47 cromossomos, provocando erro na divisão e separação dos pares de cromossomos que não aconteceram de forma adequada. (DÉA; DUARTE, 2009).

De acordo com Voivodic (2011, p. 40), “a Síndrome de Down pode ser causada por três tipos de anomalias cromossômicas: trissomia simples, translocação e mosaicismos”. Trissomia simples é a não disjunção do cromossomo 21, ou seja, o cromossomo a mais se junta ao par 21, sendo a mais comum. A translocação acontece quando o cromossomo do par 21 se une a outro cromossomo, podendo obter uma relação genética herdada de um dos pais. O mosaicismos é a presença de uma porcentagem de células normais com 46 cromossomos e com outra porcentagem de células trissômica com 47 cromossomos.

1.1 Características da pessoa com síndrome de Down

As pessoas com síndrome de Down apresentam características físicas diferenciadas, sendo determinadas, principalmente, pelos genes. As crianças recebem o material genético dos pais, portanto, assemelham-se com eles.

As crianças com síndrome de Down, em virtude do cromossomo adicional 21 no material genético, apresentam aparência diferente dos seus pais, influenciando na formação do corpo e estabelecendo uma forma semelhante entre as crianças com a mesma síndrome. As crianças com síndrome de Down apresentam características comuns. (PUESCHEL, 2005).

Dentre das características comuns, podemos citar: prega palmar única; dedos curtos; baixo comprimento; cabeça arredonda; olhos puxados e achatados; boca pequena; nariz pequeno e achatado; pescoço curto e desenvolvimento físico e intelectual mais demorado comparado as outras pessoas com a mesma idade. Podendo também obter: dificuldade na fala; insuficiência cardíaca; infecções respiratórias e hipotonia muscular, que é a diminuição do tônus muscular e da força, resultando na imaturidade referente a cenestésicos, tácteis, cutâneos, ou disfunção cerebral, entre outras. (SCHWARTZMAN, 2003).

A maioria das pessoas com síndrome de Down apresentam características comportamentais mais acentuadas na docilidade, teimosia, amistosidade, afetividade, entre outros. Porém, estudos não confirmam que essas características são comuns ou servem para obter um perfil identificador para a síndrome. (VOIVODIC, 2008).

Tanto o comportamento, quanto o desenvolvimento da inteligência da pessoa com síndrome de Down, não depende exclusivamente da alteração cromossômica, mas sim do potencial genético e das influências do meio que a criança vive, pois não há padrão estereotipado e previsível. (SCHWARTZMAN, 2003).

1.2 Desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo da criança com síndrome de Down

Conforme afirma Voivodic (2008, p. 42), “os indivíduos portadores de SD, assim como os indivíduos sem alteração cromossômica, apresentam grandes diferenças em seu desenvolvimento, comportamento e personalidade.” Portanto, os desenvolvimentos de uma pessoa com síndrome de Down têm diferenças consideráveis se comparando ao desenvolvimento visto como normal.

De acordo com Schwartzman (1999), o atraso no desenvolvimento motor interfere no desenvolvimento de outros aspectos, pois as crianças com síndrome de Down possuem diferentes comportamentos repetitivos, estereotipados, impulsivo e desorganizado, dificultando o conhecimento consistente do ambiente.

Em relação ao desenvolvimento cognitivo, uma das características mais assíduas da Síndrome de Down é a deficiência mental, com um atraso em todas as

áreas do desenvolvimento. De acordo com Mustacchi e Peres (2000), o comprometimento intelectual é a consequência mais prejudicial da síndrome de Down.

A deficiência mental é definida pela Associação Americana de Desenvolvimento Mental como “condição na qual o cérebro está impedido de atingir seu pleno desenvolvimento, prejudicando a aprendizagem e a interação social do indivíduo”. (MUSTACCHI, 2000 apud VOIVODIC, 2004, p. 43). Segundo Schwartzman (1999), as crianças com síndrome de Down apresentam um déficit em relação a memória, ou seja, não possuem a memória auditiva imediata, afetando o processamento da linguagem.

A linguagem é a área que demonstra, em geral, os maiores atrasos, pois as crianças com síndrome de Down começam a emitir as primeiras palavras por volta dos dezoito meses e, geralmente, compreendem mais do que emitem. (SCHWARTZMAN, 1999).

Conforme Schwartzman (1999), as crianças com síndrome de Down possuem, em teste formais de inteligência, QI que variam de 20 a 85, sendo esses resultados grosseiros e incompletos, pois o QI desses indivíduos tem mostrado aumentos significativos nas últimas décadas. Portanto, o desenvolvimento da criança com síndrome de Down não é resultado somente dos fatores biológicos, mas também das interações com o meio pelo qual o indivíduo constrói ao longo de sua vida.

As crianças com síndrome de Down têm a capacidade de fazer o que as crianças comuns fazem, porém, a sua velocidade de aprendizado, geralmente, é mais lenta. Essas crianças devem ser estimuladas desde muito pequenas, para que possam desenvolver suas capacidades e estímulos, sendo a atenção um elemento de imensa importância no desenvolvimento dos processos cognitivos. O déficit de atenção, desde os primeiros anos de vida, pode prejudicar seu desenvolvimento em sua maneira de explorar o meio e em suas tarefas do cotidiano. (VOIVODIC, 2008).

As pessoas com Síndrome de Down necessitam de condições especiais para a aprendizagem, o que não os impedem de levar uma vida “normal” e obter progressos em sua vida. Esses indivíduos, quando estimulados, podem desenvolver habilidades cognitivas e competências, levando uma vida social normal, capazes de tomarem decisões e a se desenvolverem socialmente e cognitivamente. (VOIVODIC, 2008).

Embora as crianças com síndrome de Down apresentem características definidas pela alteração genética, o seu desenvolvimento, comportamento e sua personalidade são resultados das mutações que trazem prejuízos no funcionamento de genes. (VOIVODIC, 2008).

A criança com síndrome de Down é capaz de alcançar um bom desenvolvimento de suas capacidades pessoais e autonomia, para que possam realizar tarefas do seu cotidiano, tendo a competência de exercer seu lado cognitivo e afetivo, sentir, amar, chorar, aprender, compreender, ler e escrever, e ser um cidadão crítico como qualquer outra criança que está realizando descobertas do mundo. (SCHWARTZMAN, 1999).

3. O processo de alfabetização de crianças com síndrome de Down

As crianças com síndrome de Down possuem idade mental diferente da idade cronológica, resultando no processo lento da aprendizagem e compreensão de estímulos do meio, que se obtêm de acordo com a idade correspondente. Portanto, a educação das crianças com síndrome de Down é uma prática complexa, sendo primordial as adaptações curriculares e ensino transdisciplinar que conduzirá em

várias fases de sua vida, no qual são indispensáveis para seu desenvolvimento. (SCHWARTZMAN, 2003).

O ensino para as crianças com síndrome de Down não deve ocorrer de forma mecânica e com informações isoladas, mas sim de forma organizada, sistemática, lúdica e divertida, adaptando as habilidades com os procedimentos a serem adotados. Os profissionais devem promover a aprendizagem facilitada, envolvendo situações vivenciadas pela criança, transformando o ensino em um momento prazeroso e permitindo a sua aplicação no contexto social e familiar da criança. Além disso, o ensino deve ser realizado de forma gradual e respeitando o processo de evolução de aprendizagem, por conta da limitação das crianças com síndrome de Down em absorver muitas informações. Avançar etapas ou exigir alguma atividade que não possa ser realizada, pode gerar estresse para criança, e com isso, não obter proveito esperado. (SILVA, 2002).

Na escola, o currículo básico da educação deve sofrer adaptação ao ser ministrado para os alunos com síndrome de Down, de modo que possa atender as necessidades particulares de cada aluno, considerando que a inclusão no ambiente escolar possa oferecer oportunidade de igualdade para todos, bem como as necessidades educacionais, oportunizando alternativas pedagógicas, socialização e aprendizagem, onde todas as crianças convivam e aprendam com as diferenças. (GIL, 2005). Segundo Schwartzman (2003), o trabalho com a criança de síndrome de Down na escola deve ser prioritariamente no contato, na socialização e integração da criança com as outras.

Em sala de aula, o professor deve explorar as atividades por meio de jogos espontâneos e com materiais adequados, fazendo com o que a criança se sinta integrada ao meio em que está inserida, respeitando o ritmo, o tempo e o interesse dela. (SCHWARTZMAN, 2003).

De acordo com Schwartzman (2003), a aprendizagem da criança com síndrome de Down é afetada por circunstâncias inerentes, porém, a memória visual proporciona melhor situação de aprendizagem, visto que, a memória auditiva é um dos aspectos mais predominantes na síndrome. Portanto, a aprendizagem deve priorizar informações visuais, pois essas crianças terão mais facilidade de absorverem e processarem informações.

O processo de alfabetização das crianças com síndrome de Down deve ser iniciado desde o nascimento, devendo prevalecer até a adolescência, com metodologias próprias e adequadas a cada fase. Esse processo envolve não somente educadores, mas também os pais, profissionais de saúde e a sociedade em geral. (SCHWARTZMAN, 2003).

Neste período, a criança começa a utilizar formas verbais mais complexas, introduzindo o pronome pessoal, artigos e adjetivos qualificativos.

As atividades psicomotoras permitem que a criança com síndrome de Down possa realizar atividades didáticas simples, com discriminação visual, tátil, auditiva, entre outras. (SCHWARTZMAN, 2003).

Na parte da leitura, o processo é evolutivo e deve ser iniciada desde o nascimento por meio do relacionamento familiar. Ao chegar na escola, esse processo é motivado ainda mais, respeitando sempre o nível cognitivo de cada criança. (SHWARTZMAN, 2003).

Ao entrar no ensino fundamental I, onde a alfabetização é consolidada literalmente, a Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) traz que a criança

com síndrome de Down tenha o direito à uma ação educativa diferenciada, de acordo com a sua deficiência mental, para garantir que ela desenvolva as suas potencialidades do conhecimento em todas as áreas, sempre atenta às habilidades que serão desenvolvidas. (SCHWARTZMAN, 2003).

O processo de alfabetização da criança com síndrome de Down é lento, porém, se bem trabalhado, o desenvolvimento será consolidado e a alfabetização acontecerá, lembrando que cada um aprende no seu devido tempo, e não no tempo previsto no fundamento I, de acordo com o currículo básico.

Conforme afirma Schwartzman (2003, p. 240), “pelo processo de alfabetização, a criança não só está criando, formando conceitos, mas também categorias conceituais para perceber a realidade e ordenar o mundo que a rodeia”.

4. Estratégias desenvolvidas no processo de alfabetização de crianças com síndrome de Down

O professor tem o papel fundamental na inclusão escolar, priorizando as adaptações curriculares com estratégias e critérios que são essenciais para aprendizagem e desenvolvimento da criança com necessidades educativas especiais.

As estratégias devem ser desenvolvidas através dos conhecimentos referentes as dificuldades de aprendizagem e os problemas de condutas, sendo utilizado os recursos de investigação e de análise desde a educação infantil. O educador também deve considerar as etapas e rotinas, respeitando sua evolução gradativa, e esperar o momento adequado para uma nova aprendizagem, devendo proporcionar atividades lúdicas e motivadoras, favorecendo o enriquecimento da sua individualidade. (SCHWARTZMAN, 2003).

Embora o aluno com síndrome de Down seja capaz de obter resultados favoráveis ao seu rendimento escolar, a sua aprendizagem ocorre de maneira lenta, sendo importante o professor adequar estratégias diferenciadas.

Os conteúdos devem ser ministrados de forma inovadora e que venha despertar o interesse do aluno, levando em consideração que eles possuem uma certa dificuldade na atenção. Uma estratégia relevante é a inclusão de atividades recreativas no dia-a-dia, onde o professor possa explorar, despertar e motivar o aluno em suas atividades, como por exemplo, por meio de brincadeiras, de modo que influenciam o equilíbrio e a coordenação motora grossa e fina, como: saltar obstáculos, correr, pular, pintar, brincar com massa de modelar, bolinha de gude, entre outras. Essas estratégias ajudarão tanto no desenvolvimento motor da criança quanto na fase da alfabetização a sua escrita. (VALETT, 2002).

Para uma criança com síndrome de Down, o desenvolvimento da inteligência vai além da alteração cromossômica, pois influencia no meio em que vive. (SCHWARTZMAN, 1999).

As crianças com síndrome de Down adquirem uma aprendizagem específica, tendo características fortes e fracas. O seu desenvolvimento não é atrasado, porém, necessita de programas acessíveis e uma equipe que se comprometa a planejar e implementar atividades acessíveis, significativas e relevante para o seu desenvolvimento. (SCHWARTZMAN, 1999).

Segundo o movimento Down (2014), existem fatores que inibem a aprendizagem, como: as habilidades motoras atrasadas; problemas auditivos e visuais; dificuldades na linguagem e fala; e memória auditiva fraca e de curto prazo. Por outro lado, existem fatores que facilitam a aprendizagem, como a consciência

visual e habilidades de aprendizagem visual, incluindo a capacidade de aprender e usar sinais, gestos e apoio visual para copiar comportamento e as atitudes dos adultos e colegas, chegando a aprender com atividades manuais.

A criança com síndrome de Down é capaz de aprender como qualquer outra criança, contudo, deve-se respeitar o perfil e o ritmo de aprendizagem de cada uma delas.

Sabemos que a alfabetização é um processo fundamental para ampliação do desenvolvimento psicoafetivo e social de qualquer indivíduo, sendo que a convivência social ajuda o desenvolvimento deste processo. Para a criança com síndrome de Down, a alfabetização tem uma extrema importância para comunicação, com aumento no vocabulário e articulações adequadas das palavras. (LEFÉVRE, 1989).

A leitura para a criança com síndrome de Down proporciona acessar informações escritas em geral, possibilitando interação pessoal e habilidades sociais. A escrita é uma forma de suporte para a memória transmitir significados ao mesmo tempo em que ela recebe. Tanto a leitura quanto a escrita estão desta forma atuando como ferramentas importantes na construção da autonomia das crianças com síndrome de Down. (LEFÉVRE, 1989).

A habilidade de leitura e escrita nas crianças com síndrome de Down ocorre de forma mais lenta do que nas demais crianças, devido ao atraso no desenvolvimento global, sendo próprio da síndrome. Porém, os professores devem acreditar na capacidade de aprendizagem destes alunos, pois eles podem atingir a proficiência na leitura e adquirir uma autonomia para escolher as leituras que preferem e compreendê-la.

O letramento deve ser iniciado pela família, através da estimulação multissensorial e com a utilização de livros coloridos, gravuras, canções, entre outros. Segundo o movimento Down (2014), quanto mais cedo a criança com síndrome de Down for estimulada, mais fácil será o processo de aprendizagem.

Essa estimulação, através de recursos materiais ainda no lar, ajuda a superação da defasagem motora, intelectual e de linguagem, no qual facilitará a aprendizagem escolar.

Pesquisas demonstraram que os métodos fonéticos e silábicos são recursos mais fáceis para a aprendizagem das crianças com síndrome de Down, segundo o movimento Down (2014). Outro método eficiente, é o método multissensorial (MONTESSORI, 1948), que busca combinar diferentes modalidades sensoriais no ensino da linguagem e escrita das crianças com síndrome de Down.

Para Scliar-Cabral (2012), as crianças com síndrome de Down aprendem melhor através de estímulos multissensoriais, no qual, as letras ensinadas com estímulos visuais associadas aos objetos transformam o conhecimento da criança em aprendizagem.

Neste processo de aprendizagem há uma dificuldade para a criança com síndrome de Down em ser alfabetizada, é o fato dela perceber a fala com um contínuo. Nesse momento, é preciso ajudá-las a analisar conscientemente a fala, desmembrando a cadeia de palavras, separando as sílabas e as consoantes das vogais com seus receptivos sons. (SCLIAR – CABRAL, 2012).

Juntamente com os recursos multissensoriais, o lúdico é mais uma das alternativas para a aprendizagem da criança com síndrome de Down. O brincar é de fundamental importância para o desenvolvimento integral da criança, além de ser uma forma prazerosa em que elas aprendem brincando sem perceber o passar do tempo,

pois as crianças com síndrome de Down têm dificuldades em se concentrarem por um longo período.

O movimento Down (2014) através de suas pesquisas, mostra que por meio das diversas estratégias pedagógicas, a criança com síndrome de Down terá uma alfabetização eficiente, onde o caminho é lento, mas com os estímulos certos e respeitando o ritmo de cada criança, o ensino da leitura e escrita será construído.

Contudo, os profissionais envolvidos devem oferecer um maior número possível de estratégias: trabalhar com alegria; com objetos chamativos e variados para prender a atenção e despertar o interesse da criança com síndrome de Down; ajuda-lo e guia-lo na realização de atividade; repetir inúmeras vezes, se for necessário para realização das tarefas; aproveitar os fatos do cotidiano; explorar a experiência trazidas de casa; entender a ordem do seu aprendizado, existir a hora para aprender terminada coisa; elogiar sempre, para deixar a criança ciente de que é capaz de realizar a atividade; deixa-la agir com autonomia; e respeitar o tempo e o ritmo de cada um. (MOVIMENTO DOWN, 2014).

5. Considerações finais

Através desse estudo, foi possível, inicialmente, compreender o aspecto conceitual da síndrome de Down, bem como as características apresentadas em decorrência da alteração de genes.

Foi ensinado que, as crianças com síndrome de Down possuem capacidade de aprendizado mais lenta e déficit em relação a memória, sendo a linguagem a área que demonstra, em geral, os maiores atrasos.

Percebeu-se que, o processo de alfabetização de crianças com síndrome de Down é primordial para a vida social, proporcionando o seu desenvolvimento humano, assim como sua integração na sociedade, sendo capaz de melhor independência, proporcionando qualidade de vida e até mesmo financeiramente.

Foi explicado que, as crianças com síndrome de Down necessitam de condições especiais para a aprendizagem e que estimulados de forma adequada, podem levar uma vida “normal” e obterem progressos em sua vida.

Apresentou-se que, para esse processo de alfabetização, se faz necessário as adaptações curriculares e ensino transdisciplinar, incluindo atividades lúdicas e recursos multissensoriais, com o uso de atividades recreativas e materiais diversos, aplicando-as ao contexto social e familiar da criança.

Demonstrou-se a necessidade de programas acessíveis e uma equipe multidisciplinar que se comprometa a planejar e implementar atividades acessíveis e adequadas as crianças com síndrome de Down, além da participação familiar durante o processo de aprendizagem.

Nessa perceptiva, de acordo com Schwartzman (2003), as escolas sofrem adaptações no currículo básico de educação, de modo que atendem às necessidades de cada aluno, como também fornecimento de materiais pedagógicos necessários e ambiente adequado para a construção do conhecimento. Porém, durante anos, algumas escolas desempenham as atividades da mesma forma e são resistentes as mudanças, assim como as demais escolas que obtêm burocracias do sistema educacional e de órgãos governamentais, ocasionando a falta de verbas, estruturas antigas e ausência de preparo especializado de professores, pois as causas das dificuldades não estão somente no aluno, mas também no ambiente educacional por meio de um planejamento inadequado.

Concluiu-se que, quanto mais cedo a criança com síndrome de Down for estimulada, mais fácil será o processo de aprendizagem, devendo o ensino ser realizado de forma gradual e respeitando o ritmo de aprendizagem de cada uma delas. Demonstrando-se que, tanto a leitura quanto a escrita são ferramentas importantes na construção da autonomia das crianças com síndrome de Down.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/** Secretária de Educação Fundamental. – Brasília 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf. Acesso em: 23 set. 2020.

DÉA, Vanessa; DUARTE, Edison; (Org.). **Síndrome de Down:** informações, caminhos e histórias de amor. São Paulo: Phorte, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, M. (Coord.) **Educação Inclusiva:** o que o professor tem a ver com isso. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

LEFÉVRE, Beatriz. **Neuropsicologia Infantil.** São Paulo: Sarvier, 1989.

MOVIMENTO DOWN. 2014. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/>>. Acesso em: 23 set. 2020.

MONTESORI, M. **The Discovery of the child.** Madras: Kalakshetra, 1948.

MUSTACCHI, Z.; PERES, S. **Genética baseada em evidências:** Síndromes e heranças. 3ed. São Paulo: CID. 2000.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Roberta Nascimento Antunes. A educação especial da criança com Síndrome de Down. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. **Pedagogia em Foco.** Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/30XIMuJ>>. Acesso em: 15 set. 2020.

SCHWARTZMAN, J. S. et al. **Síndrome de Down.** São Paulo: Ed. Memnon, 1999.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down.** São Paulo: Mackenzie, 2003.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Sistema Scliar de alfabetização**: fundamentos. Florianópolis: Ed. Lili, 2012.

PUESCHEL, Siegfried (org.), **Síndrome de Down**: Guia para pais e educadores. 9. ed. Campinas: Papirus, 2005.

VALETT, Robert E. **Tratamento de distúrbios da aprendizagem**: manual de programas psicoeducacionais. São Paulo. EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

VOIVODIC, M. A. **Inclusão Escolar de Crianças Com Síndrome de Down**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2004

VOIVODIC, M. A. **Inclusão escolar da criança com Síndrome de Down**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

VOIVODIC, M. A. **Inclusão escolar da criança com Síndrome de Down**. São Paulo: Vozes, 2011.